

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Instituto de Letras e Linguística



LAURA OLIVEIRA DA LUZ

ORALIDADE ENQUANTO PRÁTICA DE LINGUAGEM NO CONTEXTO DE UM LIVRO DIDÁTICO

Artigo apresentado ao componente curricular de TCC do curso de Língua Portuguesa com Domínio de Libras do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial aprovação no referido componente curricular

Área de concentração: Linguística Aplicada

Orientadora: Profa. Dra. Eliamar Godoi

Uberlândia
2024

ORALIDADE ENQUANTO PRÁTICA DE LINGUAGEM NO CONTEXTO DE UM LIVRO DIDÁTICO

Laura Oliveira da Luz¹
Elíamar Godói²

RESUMO

Esse estudo, a partir de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, tem como objetivo geral analisar a forma como a habilidade da oralidade enquanto prática de linguagem é abordada no livro didático, descrevendo o tratamento dispensado, pela obra, aos gêneros da oralidade. Em específico, a busca é por apresentar os gêneros da oralidade que são contemplados no livro didático analisado; verificar se a habilidade de oralidade é desenvolvida na obra de forma contextualizada pelas práticas, gêneros e diferentes objetos do conhecimento e por último, apontar experiências de prática de linguagem oral que contribuam para a ampliação dos letramentos e que possibilitem a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade. A fundamentação teórica do presente trabalho foi feita com base em livros, teses e artigos dos últimos vinte anos para ter um panorama da concepção e evolução das atividades propostas e conteúdo programático propostos pela BNCC, PCNs e no livro didático. A partir disso, após a análise dos dados coletados, foi feita a análise de um livro didático do 7º ano do Ensino Fundamental utilizado em escolas da rede pública e a conclusão obtida é de que as atividades propostas para contemplar os gêneros da oralidade não são suficientes para preparar o aluno em todos os aspectos necessários para se expressar com clareza e coesão em diferentes ambientes e estâncias sociais que será inserido.

Palavras-chave: ensino; gêneros orais; material de apoio.

¹ Acadêmica do curso de Letras: Língua Portuguesa com Domínio de Libras – LPDL do Instituto de Letras e Linguística – ILEEL da Universidade Federal de Uberlândia - UFU

² Orientadora. Docente do curso de Letras: Língua Portuguesa com Domínio de Libras – LPDL e do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos - PPGEL do Instituto de Letras e Linguística – ILEEL da Universidade Federal de Uberlândia - UFU

ABSTRACT

This study, based on qualitative bibliographic research, aims to analyze how the skill of oral communication, as a language practice, is addressed in the textbook, describing the treatment given to oral genres by the work. Specifically, the goal is to present the oral genres covered in the analyzed textbook; verify whether the skill of oral communication is developed in the work in a contextualized manner through practices, genres, and different knowledge objects; and lastly, identify oral language practice experiences that contribute to the expansion of literacy and enable meaningful and critical participation in various social practices permeated/constituted by oral communication. The theoretical foundation of this work was built based on books, theses, and articles from the last twenty years to provide an overview of the conception and evolution of the activities proposed and the curriculum content outlined by the BNCC, PCNs, and the textbook. Based on this, after analyzing the collected data, a 7th-grade textbook used in public schools was examined, and the conclusion drawn is that the activities proposed to address the oral genres are not sufficient to prepare the student in all necessary aspects to express themselves with clarity and cohesion in different environments and social settings they will be part of.

Keywords: teaching; oral genres; support material.

1 INTRODUÇÃO

A linguagem humana, é desde sua gênese, o lugar de interação social que possibilita o diálogo entre sujeitos, a produção de discursos e posições sociais, e o entendimento uns dos outros, a linguagem permite que o indivíduo conheça a si próprio e se expresse. Segundo Chomsky (1982), o ser humano, gerativista, desde seu nascimento, possui um conhecimento inato a respeito de sua língua materna, por mais que a criança ainda não consiga se expressar através de palavras, ela não é um quadro em branco, já nasce possuindo uma Gramática Universal acarretando a aquisição da linguagem materna.

Pensando no processo de ensino aprendizagem da habilidade da oralidade, é fato que os livros didáticos só acarretaram visíveis mudanças após a criação da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), trazendo a concepção de que o trabalho da oralidade “compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face [...] Envolve também a oralização de textos em situações

socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação.” (p.78-79).

Nesse contexto, assumimos com objetivo geral o de analisar a forma como a habilidade da oralidade enquanto prática de linguagem é abordada no livro didático, descrevendo o tratamento dispensado, pela obra, aos gêneros da oralidade. Em específico buscamos apresentar os gêneros da oralidade que são contemplados no livro didático analisado; verificar se a habilidade de oralidade é desenvolvida na obra de forma contextualizada pelas práticas, gêneros e diferentes objetos do conhecimento e por último, apontar experiências de prática de linguagem oral que contribuam para a ampliação dos letramentos e que possibilitem a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade.

Esta pesquisa se justifica, pela importância e pertinência do tema ao contexto da sala de aula no âmbito do ensino de Língua Portuguesa. Justifica-se ainda, pela insuficiente e insipiente produção de pesquisas e estudos envolvendo questões relativas ao desenvolvimento da habilidade da oralidade e o livro didático. Esperamos que esse trabalho possa inspirar outros, além de apontar caminhos para novas pesquisas.

Esta é uma pesquisa qualitativa, cuja metodologia utilizou como corpus o levantamento bibliográfico, realizado no banco de periódicos da UFU e da Scielo, também foi utilizado o banco de teses da Capes. O referencial teórico, tem como base as teorias envolvendo atividades de retextualização relativas à fala e à escrita propostas por Marcuschi (2001), a discussão sobre gêneros orais na escola de Dolz e Schneuwly (2004), e Travaglia (2013) e nos estudos envolvendo o ensino de gêneros discursivos orais em livros didáticos de língua portuguesa de Storto e Brait (2020).

Dessa forma, a pesquisa qualitativa norteará a análise no livro didático pesquisado, sendo que o levantamento bibliográfico se pautará na busca por trabalhos publicados envolvendo estudos relativos à oralidade e o livro didático.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 O USO DO TEXTO COMO OBJETO DE ENSINO

Irandé Antunes, exterioriza em sua obra *Aula de Português* (2003), o conceito de que todo falante de uma língua conhece suas regras e normas, a dificuldade se concentra em conseguir distinguir suas nomenclaturas e classificações em uma frase inserida pelo professor durante a aula. Reitera, a necessidade de uma recomposição estrutural do ensino de Língua Portuguesa, visto que as atividades não são funcionais e práticas, levando o estudante a “odiar” português e desistir do aprendizado da língua, afinal, a escola trabalha com o pressuposto de que basta corrigir os erros ortográficos para que a escrita fique limpa, a partir dessa ideia errada, os alunos passam toda a vida escolar sem entender verdadeiramente as estruturas dos gêneros, as construções semânticas e sintáticas e outros aspectos de fato relevantes para uma boa escrita. O professor comumente, precisa permitir e incentivar o aluno a ser escritor de seus próprios textos. Lembra ainda, como o ensino da leitura é essencial para o desenrolar das demais matérias, chamando atenção também dos educadores, pois

não adotam métodos de leitura em suas aulas, partindo do propósito que o responsável por este eixo é apenas o professor de português, assim sendo, evidencia a fragilidade da educação básica brasileira, que é o pilar para o desenvolvimento do aluno.

Por outro lado, a autora ressalta a criação dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) e do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), programas desenvolvidos pelo Ministério da Educação para “padronizar” e estruturar os âmbitos primordiais de ensino em sala de aula, distribuídos para cada ano escolar. Reconhece então que tais programas, apesar de conter falhas que precisam ser melhoradas, já privilegia o ensino interacional-discursivo da língua, afinal: “Estabelecem que os conteúdos de língua portuguesa devem se articular em torno de dois grandes eixos: o do uso da língua oral e escrita e o da reflexão acerca desses usos.” (p. 21-22).

Caminhando para o estudo da oralidade, Irandé reforça como método principal para trabalhá-la, o uso do *texto*, para a autora está implícito no texto todos os componentes e habilidades da língua, o papel do professor então é conseguir extrair do texto o necessário para edificar a atividade a ser desenvolvida, não sendo necessário inventar situações para praticar as habilidades, o texto apresenta o próprio cotidiano do aluno, causando uma aproximação entre ambos.

Schneuwlye e Dolz (2004), com aporte de Roxane Rojo e Cordeiro, trazem em sua obra a abordagem de ensino da Língua Portuguesa que vem sendo reformulada desde a década de 1980, para o ensino a partir do *texto*, sendo assim, a base do ensino-aprendizagem deixa de ser enunciados e atividades soltas, forjadas pelo professor em um paradigma normativo visando apenas a análise gramatical da língua, e passa a ser atividades trabalhadas com embasamento em textos, sejam orais ou escritos, proponentes ao ensino procedimental, prestigiando os eixos de uso da língua escrita e falada, em leitura e produção textual.

Outrossim, nessa perspectiva, o aluno passará pela experimentação de utilizar o texto em seu funcionamento e como objeto empírico, em que será possível explorar a leitura e redação de forma cognitiva e textual, abrangendo todos os aspectos de ensino-aprendizagem em um único material com milhares de caminhos diferentes para se percorrer, dessa forma o professor além de desenvolver a leitura, consegue provocar a curiosidade e criatividade do aluno para produzir redações e atividades epilíngüísticas.

2.2 GÊNEROS ORAIS

Ao falar de gêneros orais, surge de início um conflito de ideias, o que é gênero e o que é atividade, cita Travaglia (2013). Dessa forma, antes de definir o que são gêneros orais, é necessário a distinção do que é gênero. Então, partindo da concepção bakhtiniana, os gêneros são formas estáveis de enunciados, responsáveis por possibilitar a comunicação social entre os indivíduos, Travaglia complementa ainda que “são instrumentos cuja apropriação leva os sujeitos a desenvolverem capacidades e competências individuais correspondentes aos gêneros” (p. 03). Dito isto, os gêneros da oralidade, segundo o PETEDI³, “oral é aquele que tem como suporte a voz humana” (p. 04), ou seja, são aqueles próprios da língua falada.

³ Grupo de Pesquisa sobre Texto e Discurso do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL), localizado na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), voltado para o programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

Travaglia relembra, que não basta ler em voz alta um texto para que este se torne um gênero oral, pois o gênero oral, são aqueles criados com o intuito de oralização e não de escrita, nas palavras de Dolz e Schneuwly “Trata-se de levar o aluno ao domínio do gênero, exatamente como este funciona (realmente) nas práticas de linguagem de referência” (2004, p.67). A caráter categórico, se dividem entre formais e informais, a seguir será feita uma listagem de alguns gêneros orais, levantados pelo PETEDI (p. 5, 6), será uma listagem sucinta em que não estarão dispostos todos os itens que se classificam na condição aqui descrita:

Gêneros formais acadêmicos: Debates de opiniões ou discussão, defesas de trabalhos, avisos/ comunicados de autoridades, entrevistas de pesquisa, prova oral, palestras, aulas expositivas orais, comunicações orais de pesquisas em eventos, podcasts (podem ser formais ou informais) etc.

Gêneros informais: Teatros, piadas e ‘*stand up*’, fofocas, música, reclamações, narração esportiva, agradecimento, atendimento, recados, convites, entrevistas com celebridades, debates (podem ser formais ou informais) etc.

Com uma infinidade de gêneros para trabalhar, cabe ao professor analisar e explorar as diferentes abordagens para incluir diversas atividades lúdicas e estratégias ainda não muito exploradas anteriormente, com o intuito de desenvolver a capacidade e habilidade de se expressar oralmente com clareza, coesão e destreza.

O desafio do professor é pensar atividades para além da sala de aula, da cópia e reprodução, o ideal esperado é que o aluno possa refletir as realidades vivenciadas em seu cotidiano na aula de Língua Portuguesa, o professor deve permitir que o aluno fale e ouvir suas demandas.

2.3 RETEXTUALIZAÇÃO, FALA E ESCRITA

Segundo Marcuschi (2001) a oralidade e o letramento estão interligados, não existe escrita sem fala, ambas caminham juntas para a alfabetização e o domínio da Língua Portuguesa, dessa forma pensar no ensino de Português apenas com a supremacia da escrita, ensino de códigos e regras gramaticais, é impossível, nas palavras do autor:

Assim não serão primeiramente as regras da língua nem a morfologia os merecedores de nossa atenção, mas os *usos da língua*, pois o que determina a variação linguística em todas as suas manifestações são os usos que fazemos da língua. São as formas que se adequam aos usos e não o inverso. (p. 16).

Por conseguinte, a escrita na modernidade se tornou uma forma de sobrevivência, o método que a sociedade considera mais viável para se expressar, considerando letrado e alfabetizado, aquele que sabe escrever, porém é sabido que a escrita não remete diversos fatores próprios da oralidade, como o gestual, a prosódia, as marcas da fala etc. Marcuschi (2001) reitera o fato de tanto a oralidade quanto a escrita terem seus próprios fatores e escritas comumente representadas respeitando suas limitações, a fala não pode apresentar características típicas da

escrita como, grafia, tipos de letra e tamanho, da mesma forma em que a escrita é limitada ao seu viés, porém tais limitações não impedem que ambas apresentem coesão e coerência, expressão de ideias, exposições formais e informais, variações linguísticas etc. É válido ressaltar a condição de letramentos como não sendo feito de uma única maneira, principalmente no cenário tecnológico em que estamos inseridos, os multiletramentos digitais são uma peça-chave para adentrar o universo semiótico dos alunos e se aproximar da realidade em que vivem.

A partir disso, considera-se a perspectiva sociointeracionista, em que trata a fala e a escrita na visão dialógica, tal qual se trata da base metodológica mais utilizada (ou a que mais tentam) nas escolas brasileiras, segundo Marcuschi (2001) “Este modelo tem a vantagem de perceber com maior clareza a língua como fenômeno interativo e dinâmico, voltado para as atividades dialógicas que marcam as características mais salientes da fala, tais como estratégias de formulação em tempo real.” (p. 33). A perspectiva não se encontra livre de problemas, principalmente fonológico e sintáticos, como cita o autor, pois se direciona em uma linha discursiva e interpretativa e lembra que a língua que conhecemos “não são nem as características da fala nem as características da escrita; o que conhecemos são as características de um sistema normativo da língua,” (p. 35).

A retextualização por sua vez, é um processo de construção de um novo texto, a partir de um texto já existente, ou como considera Marcuschi (2001), uma “passagem do texto falado para texto o escrito” (p. 46). O primeiro passo fundamental para transcorrer de um gênero ou modalidade para outro, é compreender o que é dito, a retextualização busca manter a *ordem* imposta na modalidade em que se repassa, portanto Marcuschi (2001) cita a complexidade da atividade de transformação textual, pois exige do ser a capacidade de compreensão inicialmente.

A retextualização se faz presente recorrentemente no cotidiano pessoal, um simples ato de repassar uma mensagem dita por alguém, para outra pessoa, já se torna uma retextualização, em outras palavras, o fenômeno se dá nas diversas passagens de um mesmo texto variando os gêneros textuais, variações de registros, níveis linguísticos etc., ainda que não se perceba de imediato.

Portanto é nítida a importância de se considerar a escrita e a fala como dois processos que andam lado a lado, não há supremacia de um sobre o outro e ambos serão relacionados o tempo todo no cotidiano do ser humano, pela retextualização, mas também por outros fenômenos recorrentes da vida.

2.4 TEXTOS MULTISSEMIÓTICOS/ MULTIMIDIÁTICO

Com o avanço tecnológico constante em que vivemos, o professor precisa também refletir esse avanço na sala de aula, nesse caso, uma alternativa muito usual entre docentes, são os textos multissemióticos ou multimidiáticos, ou seja, textos que apresentam diversas modalidades de comunicação, como por exemplo charges e tirinhas que apresentam texto verbal e não verbal, o trabalho com músicas, vídeos etc. Sendo assim, os textos multimodais ou multissemióticos são aqueles que apresentam em sua constituição diferentes elementos, como por exemplo, cor, movimento, música, tamanho da letra, vídeo, signos icônicos. (CARMELINO, 2015, *apud*, SILVA; SILVA, 2019).

Nesse movimento, normalmente, os textos multissemióticos dialogam entre si para produzir sentidos. De acordo com Silva e Silva (2019), com o advento das

tecnologias da informação e comunicação, os gêneros textuais/discursivos multissemióticos têm se tornado cada vez mais presentes nas práticas sociais da linguagem.

Na sala de aula, no entanto, pode-se observar as complexas relações intertextuais instauradas entre gêneros dos diversos campos artísticos e/ou audiovisuais. Para Mozdzenski (2013), com a presença na contemporaneidade de textos cada vez mais multissemióticos, é importante atentarmos não só para seus elementos verbais, mas também para todos os seus outros componentes (imagéticos, sonoros etc.). Para o pesquisador, só assim seria possível a realização de uma interpretação integral e apropriada desse texto e dos variados modos como ele dialoga com outros textos que circulam socialmente.

No ambiente da sala de aula de língua portuguesa,

a realização de ações didático-pedagógicas que contemplem os multiletramentos pode contribuir significativamente para o processo de ensino e aprendizagem da língua materna, no contexto escolar e, dessa forma colocar em prática o que é postulado pela BNCC (2018) no que tange ao uso de textos multissemióticos para ampliação dos letramentos, possibilitando ao aluno uma participação expressiva e crítica nas diversas práticas sociais (SILVA; SILVA, 2019, p. 1).

No contexto atual, durante o período pandêmico com o uso intenso das mídias sociais se popularizou os “Podcasts” sendo estes, entrevistas, histórias contadas sobre um determinado assunto e gravadas apenas em áudio (atualmente é possível a inserção de vídeo no gênero também) para ouvir em plataformas musicais da mesma forma em que é feito com as músicas. A proporção de alcance e disseminação dos *podcasts* foram altíssimas, tornando uma ferramenta muito utilizada e implementada por professores na vida escolar do aluno e mesmo pós-pandemia, o mecanismo continua sendo bem aproveitado e disseminado nas escolas do Brasil.

De todo modo, os textos multimodais ou multissemióticos aludem a possibilidade de um ensino que se desloque da perspectiva formalista, recorrentemente, abordada no âmbito da sala de aula de língua portuguesa, que se concentra, predominantemente, nos estudos da gramática normativa tradicional. (SILVA; SILVA, 2019). Nesse sentido, o trabalho com textos multissemióticos em sala de aula permite desenvolver um ensino pautado na dialogicidade e na dialética que se estabelece entre uso e reflexão. Sendo assim, com Silva e Silva (2019), entende-se que a escola necessita, de fato, ressignificar o trabalho com a linguagem em sala de aula.

O processo de ensino e aprendizagem podem explorar de modo didático e pedagógico, os recursos midiáticos e tecnológicos para se criar um ambiente de ensino que propicie e potencializa a aprendizagem dos alunos. Nesse sentido, os textos multimodais ou multissemióticos tendem a proporcionar um novo espaço de aprendizagem para a construção de conhecimentos significativos para o aluno, que por sua vez, permite que o aluno participe ativamente da construção da própria aprendizagem.

3. METODOLOGIA

Metodologicamente, a pesquisa delinea-se como Revisão Bibliográfica, de natureza qualitativa, onde investe-se nos percursos do trabalho da leitura como processo de interpretação e produção de sentido(s). Para tanto, serão analisados e descritos registros diversos para entendermos como se dá a questão dos gêneros orais em um livro didático.

Como corpus desta pesquisa foi escolhido um livro didático do 7º ano do Ensino Fundamental proponente a etapa do ensino aprendizagem em que os alunos já estão dominando a escrita e leitura da língua de forma interacionista. Segundo os PCNs (2000), é nessa fase de escolarização que os alunos devem ser inseridos assiduamente aos gêneros orais formais, pois um dos objetivos do Ensino Fundamental é “posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;” (p. 05).

Dessa forma, o presente trabalho buscou analisar algumas categorias da oralidade no LD⁴: como o ensino dos gêneros orais são tratados (1), as abordagens de fala, escrita e retextualização (2), e as marcas da oralidade presentes em sala de aula e no âmbito social (3). A primeira categoria, esperamos que abranja também a leitura, propondo atividades para a valorização de gêneros orais, o entendimento e produção destes gêneros, e as habilidades e domínios da fala.

No segundo tópico, entende-se a fala e escrita como habilidades essenciais da língua sem que haja supremacia da escrita sob a fala, busca analisar se as atividades propostas remetem ao eixo pedagógico necessário.

Por fim, o terceiro tópico refere-se diretamente a variação linguística presente de forma marcante e natural na fala, as atividades propostas devem dar conta de direcionar o aluno ao entendimento de que há diversas maneiras de falar, em diferentes situações e ambientes e mostrar que o papel da escola é prepará-los para tais situações.

Para fundamentar esta pesquisa foram analisados artigos, teses e livros. Os artigos foram retirados das seguintes bases de dados: Portal de Periódicos da UFU, portal de Periódicos da Scielo e Banco de teses da Capes. As palavras-chave utilizadas para a construção da pesquisa foram: “ensino”, “gêneros orais” e “material de apoio”.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em consonância aos ditos anteriores, nesta seção será exposto os resultados encontrados após a análise das atividades propostas pelo Livro Didático, focalizando o viés da oralidade como proposto. O livro analisado pertence ao 7º ano do Ensino Fundamental, estando dividido em quatro sessões, nomeadas como, primeiro, segundo, terceiro e quarto bimestre, cada uma contendo dois capítulos trabalhando um gênero discursivo central, ao final de cada capítulo os alunos devem produzir uma atividade (para além da sala de aula em alguns casos) sobre o gênero estudado. Ao final de cada capítulo é retomado o conteúdo percorrido ao longo da sequência didática afim de fixação da aprendizagem.

O livro apresenta muitas imagens, recursos gráficos e visuais, além do material impresso é disponibilizado o material online para apresentação de vídeos e demais

⁴ Abreviação de livro didático

itens digitais, como por exemplo o *blog* da turma. Ao final do estudo do gênero, os alunos são levados a sessão “Na prática” em que devem produzir em grupos o gênero trabalhado.

Abaixo está a divisão de temas de cada capítulo:

Primeiro Bimestre	Capítulo 1: NOTÍCIA: o registro do cotidiano. Capítulo 2: ENTREVISTA: um bate-papo organizado.
Segundo Bimestre	Capítulo 3: CONTO FANTÁSTICO: um mundo um tanto estranho. Capítulo 4: POEMA NARRATIVO: versos que contam.
Terceiro Bimestre	Capítulo 5: TEXTO TEATRAL: a arte de ser o outro. Capítulo 6: PALESTRA E SEMINÁRIO: a arte de falar em público.
Quarto Bimestre	Capítulo 7: RESENHA CRÍTICA: uma opinião consistente. Capítulo 8: RELATO DE VIAGEM: o registro das descobertas.

Quadro 1 – Gêneros discursivos centrais trabalhados em cada capítulo.

Quadro criado pela autora.

O capítulo um trata do gênero notícia, recebendo o título de “Notícia: o registro do cotidiano” diversas notícias são apresentadas aos alunos no decorrer do capítulo com questões discursivas de análise do texto, as atividades buscam trabalhar textos multimidiáticos/ multisemióticos para explorar o gênero, como jornal/ telejornal, tirinhas, charges, propagandas publicitárias, dentre outros. Os temas escolhidos variam entre extinção de espécies, fenômenos naturais, e foram escolhidos com o viés de trabalhar a interdisciplinaridade fomentando a curiosidade do aluno.

Em certo momento, o capítulo apresenta a sessão “Se eu quiser aprender mais. A fala em situação pública” para explorar as marcas da oralidade na língua falada, para isso apresentam uma transcrição de uma reportagem e em seguida os alunos devem responder a questões de interpretação do texto. Ao analisar as instruções para o professor e as atividades propostas, nota-se que o livro não traz atividades para ser debatidas oralmente apenas uma rápida análise de um texto falado, fica então a sensação de que a atividade só foi proposta para atender a demanda da BNCC de trabalhar as marcas da oralidade, mas sem verdadeiramente trabalhá-la. Durante todos os capítulos do livro serão encontradas atividades com o mesmo propósito, trabalhar a intertextualidade transformando o texto escrito em texto oral, porém sem realmente explorar a fala no aluno.

Ao final do capítulo os alunos devem produzir uma notícia para um telejornal, o tema será escolhido pelo grupo e deve considerar temas relevantes para o ambiente escolar e social, para a apresentação da notícia, será simulado um telejornal na sala de aula e os alunos deverão organizar o ambiente com os itens necessários para gravação e criação do jornal e realizar então a apresentação para a turma. Ao final de

cada apresentação o professor escolherá três alunos para avaliar o grupo considerando os critérios pré-estabelecidos pelo livro (figura 1).

Momento de avaliar

A turma deve assistir às apresentações de cada notícia com muita atenção. Ao final de cada uma, três alunos de outros grupos serão convidados a fazer uma avaliação oral, considerando os critérios do quadro a seguir.

A	A notícia aborda um fato relevante para a comunidade?
B	O público ficou bem informado sobre os acontecimentos?
C	Há um início e um encerramento claros?
D	As perguntas feitas ao(s) entrevistado(s) contribuíram para a compreensão do fato noticiado?
E	A linguagem usada foi descontraída, natural, mas adequada ao gênero notícia e à divulgação em um telejornal?
F	Foi possível entender bem o conteúdo das falas? A voz do repórter estava alta o suficiente, a pronúncia estava correta e o ritmo adequado?
G	A edição do vídeo está caprichada?

Revendo nossa apresentação oral

Após ouvir o comentário dos colegas e considerar todas as produções vistas, o grupo deve fazer uma autoavaliação, observando os pontos que foram bem realizados e discutindo aqueles que poderiam ser melhorados.

Figura 1 – Aspectos avaliativos da apresentação oral

Após a análise do capítulo um é explicitado, portanto, que a oralidade só será realmente trabalhada na atividade final para fechamento do gênero estudado e só será possível por se tratar do gênero notícia que possui marcas orais em sua construção, no caso de um gênero escrito a oralidade não seria abordada.

O capítulo dois parte do mesmo viés do anterior, buscando trabalhar textos multimidiáticos e multisemióticos, o gênero central desta sequência didática é a entrevista, durante o capítulo são trabalhadas diversas transcrições de entrevistas sobre temas polêmicos como bullying e preconceito racial, desta forma o livro inicia o capítulo introduzindo as relações da transcrição com a oralidade (Figura 2) levando o aluno a fazer uma leitura mais atenta para essas questões.

Após a leitura o aluno é levado para a sessão “Desvendando o texto” onde responderá perguntas a respeito do texto lido, como sugestão para aprofundar a atividade, o livro apresenta uma nota chamada “Fala aí!” (Figura 2), está aparece em alguns momentos distintos ao longo do livro induzindo o professor a fomentar debates e discussões acerca do tema estudado, nesse momento, a sessão sugere que o professor inicie um debate sobre o uso da palavra *conivente* utilizada durante a entrevista lida anteriormente, essa sessão é uma maneira de tentar introduzir a oralidade em todos os momentos da aula, porém trata-se de uma sugestão para o professor, que pode optar por não introduzir na aula.

Lembra?

Nas transcrições, transfere-se para a escrita a maneira como um texto foi dito oralmente, por isso mantêm-se as pausas, as hesitações, os marcadores de conversa etc.

Fala aí! – Sugerimos um debate em grupos, cabendo a cada um apresentar e analisar um exemplo que comprove seu ponto de vista. Várias situações podem ser citadas, como pessoas descartando lixo em local inadequado ou cometendo atos de vandalismo, além de casos bastante sérios, como atos violentos contra crianças e mulheres. Explique aos alunos que eles ainda são jovens e não devem se colocar em situações de risco, mas podem procurar adultos em quem confiam e contar os problemas observados. Para manter organizado o estudo do gênero, prefira finalizar a seção “Desvendando o texto” e o debate antes de iniciar a próxima parte.

Figura 2 – Introdução para as marcas da oralidade no texto e um possível debate após a leitura.

Para finalizar o estudo do gênero, os alunos devem produzir uma entrevista, em duplas os alunos devem gravar a entrevista para posteriormente ser postada no blog da turma, novamente ao fim de cada apresentação o professor escolherá duplas para avaliar o trabalho feito considerando critérios específicos do gênero entrevista.

Portanto a conclusão que se chega dos capítulos, é que o livro busca introduzir as marcas da oralidade para os alunos, porém é levantado de forma superficial não suprimindo todos os quesitos necessários, durante todo o decorrer do livro as atividades orais são dispostas dessa forma, sempre deixando a cargo do professor trabalhá-la de forma aprofundada ou não, tendo em vista que caso o professor opte por não adentrar nessas sugestões e criar outras maneiras para sair dessa superficialidade e realmente introduzir a oralidade na aula, as sessões e sugestões são irrelevantes, pois não serão vistas.

Momento de produzir

Planejando nosso seminário

O seminário não é um texto lido; ele é produzido oralmente diante do público e exige uma preparação especial, sobretudo quando envolve uma fala coletiva. Leiam com atenção os passos sugeridos a seguir para planejar a apresentação. Antes de fazê-la, ensaiem algumas vezes para que as falas fiquem claras e ganhem desenvoltura. Dividam a apresentação em partes equivalentes.

Dica de professor

É essencial que todos os integrantes do grupo conheçam o trabalho em sua totalidade, pois pode ser necessário apresentar a parte de um aluno ausente ou ajudar um colega a expor algo de que se esqueceu.



FERNANDO JOSÉ FERREIRA

Reprografia proibida. Art. 184 da Código Penal e Lei 11.119 de 19 de fevereiro de 1998.

Figura 3 – Atividade proposta para criação de seminário.

A oralidade foi realmente trabalhada apenas no capítulo seis chamado “PALESTRA E SEMINÁRIO: a arte de falar em público” logo no início a sessão “Leitura 1” apresenta a transcrição de uma entrevista apresentando marcas da fala exatamente como é dito durante a entrevista, em seguida a sessão “Desvendando o texto” apresenta perguntas discursivas de interpretação do texto superficiais que não abordam questões discursivas. Após esse momento o livro começa a explicar “Como funciona uma apresentação pública?” evidenciando a palestra e o seminário, trazendo suas características próprias e as explicações necessárias para resolução das perguntas seguintes, que novamente ficam na superficialidade. Logo em seguida é introduzida a sessão “Da observação para a teoria” retomando a explicação de seminário e palestra, mostrando onde são utilizados para abrir a segunda sessão de leitura. Até o momento, observa-se que as atividades não passam de exposição de

informações, sem verdadeiramente trabalhar os gêneros orais em prática ou levar o aluno a pensar além do que o exercício solicita.

A partir disso, o livro vai caminhando para a conclusão da sequência didática inserindo a sessão “Na prática”, desta vez os alunos devem produzir um seminário sobre um documentário que aborde “temáticas sociais”, a própria proposta cita alguns exemplos que podem ser usados, retirados da palestra transcrita de Mara Mourão apresentada no início do capítulo, para instruir os alunos são dadas as informações na figura anterior.

Nesse interim o livro didático forja uma atividade que é comum no ambiente escolar para o ensino de seminário, enquanto os alunos provavelmente já realizam o seminário em diversas disciplinas com o devido conteúdo a serem abordados. Este é o capítulo que melhor retrata a oralidade e ainda assim peca em seu conteúdo, pois não aborda os usos e gêneros orais necessários para a formação do aluno. No sétimo capítulo, há uma sugestão de atividade em seu rodapé, a atividade sugere que o professor proponha uma retextualização transformando a resenha escrita em *booktuber* para trabalhar uma situação de oralidade, além de abordar outras áreas cobradas pela BNCC como a retextualização por exemplo. As demais atividades envolvendo os gêneros orais permeiam por meio de notas de sugestão como nos demais capítulos, não havendo, portanto, um trabalho aprofundado sobre a oralidade. O livro analisado é utilizado em escolas da rede pública de Uberlândia.

Observemos agora os elementos presentes na capa do livro (Figura 4):



Figura 4 – Capa do Livro Didático.

Percebe-se um menino dando uma bicicleta⁵ em uma bola, ao fundo é visto uma cachoeira e um prédio antigo, a análise apenas da capa do livro abre margem

⁵ Uma jogada de futebol em que o jogador pula de costas para o gol e chuta a bola no ar.

para se pensar em diversas atividades que podem ser trabalhadas considerando os gêneros orais, como por exemplo trabalhar uma narração esportiva, criar uma história coletiva oralmente sobre os elementos presentes na imagem, despertando o lúdico ao aprender brincando e atizando a curiosidade e criatividade dos alunos, com certeza os alunos que se interessam por esportes e assistem a jogos narrados ficarão animados com a proposta e trarão sua memória discursiva para a atividade. Dessa forma, o professor consegue tornar a aula atrativa para a turma que por sua vez, aprenderá sem nem perceber.

3 CONCLUSÃO

Os estudos da oralidade como componente linguístico, abrangem diversos aspectos da língua, como a fonologia, a morfologia, a sintaxe e o léxico, ou seja, a oralidade assim como a língua escrita apresenta todas as habilidades da Língua Portuguesa. Ao desenvolver habilidades orais, o aluno se torna capaz de articular sons e palavras de forma clara e precisa, mantendo as estruturas gramaticais da língua e dispondo de vocabulário vasto e coeso para expressar suas ideias e sentimentos da forma correta, em consonância com a ocasião em que está inserido. Em outras palavras, o aluno possuirá fluidez e destreza para articular através da fala tudo aquilo que lhe é exigido.

Para tanto, a oralidade é também uma competência cognitiva, pois está intimamente ligada ao processamento da linguagem e ao desenvolvimento de habilidades de pensamento. Ao se enunciar, diversos aspectos são observados, não se trata apenas de transmitir informações, envolve a preparação de pensamentos, tomada de decisões linguísticas sobre o que falar e como falar, interliga o intelecto com a propriedade de se posicionar e discorrer sobre determinado assunto, adaptando a fala de acordo com o contexto e o interlocutor. Dessa forma, a habilidade de se comunicar oralmente de forma eficaz requer não apenas conhecimento linguístico, mas também habilidades cognitivas como atenção, memória, raciocínio e inferência, através da oralidade a pessoa desenvolve sua capacidade de pensar criticamente, resolver conflitos e situações complexas e claro, interagir e envolver-se de maneira significativa com as situações a seu redor.

Desde o seu nascimento, inicia-se o processo de explorar e estimular a fala da criança, começando com pequenos sons, sílabas e vocábulos, que com o passar do tempo vão se desenvolvendo da maneira correta para a língua materna em que o ouvinte é exposto. Nesse processo, a escola tem papel essencial, visto que deve inserir o aluno aos gêneros orais e escritos, acrescidos a prática da leitura e da escrita, desenvolvendo, portanto, o domínio de ambos em quaisquer situações que seja necessário se manifestar.

Enquanto língua majoritária no Brasil, a Língua Portuguesa é composta por duas modalidades, oral e escrita, apresentando em cada uma, gêneros e estruturas próprias para o seu uso, assim sendo a BNCC juntamente com os PCNs foram criados para garantir que a oralidade e a escrita sejam exploradas igualmente durante o processo de escolarização, pautando o ensino voltado para o uso do texto como objeto principal de apoio, abolindo antigos trejeitos de gramaticalização. Para garantir o aprendizado da Língua Portuguesa como um todo, é necessário ainda inserir o aluno em quatro habilidades: leitura, escrita, oralidade e linguagem. Ambos os campos se

interrelacionam dando seguimento ao estudo da língua, no entanto, em contrapartida o ensino da oralidade não é refletido na sala de aula como disposto, grande parte dos professores partem do pressuposto de que a fala não se ensina, é algo natural, mesmo com inferência de diversos gêneros formais dentro do campo da oralidade e a importância de permitir que o aluno pratique a fala.

Nesse viés, o Ministério da Educação criou o PNLD com o intuito de investir e padronizar o conteúdo a ser ministrado nas escolas públicas através do livro didático. A partir de então, o professor ganhou um novo recurso didático para implementar o planejamento de suas aulas. Com o passar do tempo, concluiu-se como o livro didático é um instrumento essencial e necessário para o decorrer das aulas, visto que o aluno e o professor têm na palma da mão todas as habilidades e competências distribuídas em atividades interacionistas dialógicas.

Esse instrumento permite a interação do aluno com o texto, concebendo-o como objeto de estudo. A leitura e interpretação de texto implícita surgem em sua grande maioria em forma de atividades e ainda de interação do aluno com o professor. Nesse caso, as atividades propostas norteiam para algo exploratório que vão além de apenas escrever e responder perguntas. Sendo assim, o livro didático busca direcionar para o planejamento de novas vertentes pedagógicas, propondo e disponibilizando atividades para além da sala de aula, as quais contemplam o dia a dia do aluno, gerando interesse e participação mais efetiva nas aulas.

Sendo assim, buscamos descobrir como a oralidade é trabalhada em livros didáticos dos anos finais do ensino fundamental, suscitando a importância do aprimoramento do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Contudo, os resultados das nossas leituras e a análise do livro didático mostraram que os gêneros orais não têm sido abordados adequadamente e nem suficientemente. A prática de ensino de língua portuguesa poderia trabalhar com mais profundidade a oralidade considerando aspectos como a coesão, clareza, respaldando os gêneros no íterim da norma prestigiada. Poderia ainda, trazer essa prática didática e pedagógica considerando a fala cotidiana e informal, visto que é neste segundo campo, que mais será experimentado pelos alunos e que os livros didáticos falham em sua disposição.

Dito isso, este trabalho buscou mostrar como a oralidade é abordada nos livros didáticos do Brasil após as diversas mudanças inferidas nos últimos anos devido a implementação da BNCC. Esse documento prevê diversas habilidades que devem ser trabalhadas na modalidade oral em cada ano do processo escolar. Para tanto, os livros didáticos produzidos nos últimos anos devem cumprir com tais exigências e refletir um ensino eficaz, buscando desenvolver habilidades e competências relativas à oralidade no aluno, em especial, de língua portuguesa.

Arrelemos então os resultados encontrados, infelizmente o livro didático analisado carece de qualidade no âmbito da oralidade, sem dúvidas busca atingir a intertextualidade, o nível interdisciplinar e os multiletramentos e consegue atingir um bom resultado. Contudo, no quesito da oralidade, o livro não traz nem sequer um capítulo exclusivo para falar de oralidade. Como é visto em livros didáticos, apenas trata superficialmente algumas características da modalidade.

Durante a pesquisa não foi possível identificar atividades que relacionem o cotidiano do aluno para trabalhar sua fala e ensinar as características desta, nem como se portar em diferentes ocasiões, as variações linguísticas, nem sobre a desconstrução da ideia do “falar certo”, dentre outras possibilidades. As atividades referentes a oralidade são expostas todas como sugestão para o professor e não como uma atividade planejada para embasar uma aula exclusiva para tratá-la. Como

já criticava Antunes (2003), as aulas envolvendo oralidade vêm apenas como uma atividade forjada para tentar suprir a modalidade enquanto existem diversas situações reais que poderiam ser desenvolvidas.

Por fim, o livro só explicita três modalidades de gêneros orais, a saber: a entrevista, o seminário e a palestra, deixando de fora outros gêneros que são vistos dentro da própria sala de aula, como a aula expositiva em si. O livro didático sequer cita os gêneros orais formais e informais. Ele utiliza apenas um gênero central por capítulo para trabalhar, observando as imagens e os elementos da capa do livro. Nesse sentido, já é possível pensar em outras temáticas que poderiam ser abordadas nas aulas envolvendo a oralidade, tais como uma atividade trabalhando a narração futebolística ou de outros esportes que são temas contextualizados que se mostram recorrentes do cotidiano dos alunos.

Após os fatos supracitados fica elencado a necessidade de reformulação das atividades propostas pelo livro didático. O aluno na fase do Ensino Fundamental precisa descobrir e trabalhar todos os aspectos presentes no seu dia a dia, o professor precisa permitir que o aluno fale mais, dialogue mais, argumente mais oralmente, treine mais a fala em público e tenha conhecimento dos diversos contextos de fala que ele precisará transitar na vida. Ensinar como se expressar em cada momento, na sala de aula. É notório que falta espaço para o aluno interagir com os diversos gêneros que compõem a oralidade. Cabe ao livro didático, mas também ao professor propor novas estratégias para a formação social das crianças e adolescentes. Para alguns casos só precisa de um olhar atento de uma pessoa que confie nela e se permita ensinar.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/biblioteca-de-apoio/pcn-ensino-fundamental-6-ao-9-ano/>. Acesso em: 13 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2024.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MOZDZENSKI, Leonardo. **Intertextualidade verbo-visual: como os textos multissemióticos dialogam?** Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso 8 (2) - Dez 2013 - <https://doi.org/10.1590/S2176-4573201300020001>

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **SE LIGA NA LÍNGUA: leitura, produção de texto e linguagem**. Moderna, São Paulo, 2018.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. 3 ed. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, Amanda Jackeline Santos da; SILVA, João Miller da. **Produção de textos multissemióticos no ensino de língua portuguesa**: possibilidades para o letramento multimodal. Disponível em:
<https://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/arquivos/anais2019/419.pdf> Acessado em 02 mai. 2024

STORTO, L. J.; BRAIT, B. **Ensino de gêneros discursivos orais em livros didáticos de língua portuguesa**. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, SP, v. 62, n. 00, p. e020015, 2020. DOI: 10.20396/cel.v62i0.8656922. Disponível em:
<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8656922>>. Acesso em: 04 abr. 2024.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos et al. **Gêneros orais: conceituação e caracterização**. Anais do SILEL, v. 3, n. 1, p. 1, 2017. Disponível em:
<https://www.ileel.ufu.br/travaglia/sistema/uploads/arquivos/artigo_generos_orais_conceituracao_caracterizacao.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2024.